

GEOGRAFIA: MOMENTO PARA (RE) PENSAR O ESPAÇO GEOGRÁFICO

GEOGRAPHY: TIME TO (RE)THINK THE GEOGRAPHICAL SPACE

Sônia Giovanini¹

RESUMO: Mudar tem sido a palavra de ordem mais falada e ouvida nestes últimos anos. Dar outra direção, modificar os modelos de desenvolvimento que regem a sociedade, constitui a base da convivência em que se inserem os processos educativos. A incorporação geográfica no espaço disciplinar através da nova apropriação de conteúdos quanto à forma contextualizada, cria a possibilidade de discutir e expressar o verdadeiro objeto da geografia “o espaço geográfico”.

Palavras-Chave: Conhecimento, espaço geográfico, discussão.

ABSTRACT: "Changing" has been the most often heard spoken these days. Finding new directions and modifying the developmental models that govern society constitutes the base of the coexistence in which educational processes takes place. The geographical incorporation in the disciplinary space through the new appropriation of contextualized content creates the possibility to discuss and express the true object of geography, the geographic space.

Key-Words: Knowledge. Geographic space. Discussion.

INTRODUÇÃO

Partindo das premissas de que a realidade humana é extremamente dinâmica e que só é possível trata-la por meio de um corte no tempo e no espaço, é que devemos procurar trazer o passado, sempre que necessário para que possamos contextualizar com o momento vivido. O conhecimento que julgamos essencial para entender o presente e procurarmos, igualmente, discutir como nossas ações podem intervir no futuro, nas relações do ser humano com o espaço geográfico, tanto na esfera local como global, contribuem na maioria das vezes para a solução de problemas, sejam eles de ordem social, política, econômica ou ambiental.

O conhecimento da complexa relação entre os humanos e os demais componentes possibilita o despertar e o motivo da atitude de questionamento, criatividade e tomada de posição diante dos problemas, superando o pensamento vigente, contemplando uma visão holística, com característica multidimensional, que inclui a intuição, os sentimentos e as emoções relacionadas com as experiências e vivências das pessoas.

Ao partilhar as experiências, o ser humano amplia os conhecimentos a fim de contribuir para a solução dos problemas num processo de reavaliação do espaço geográfico executando ações de cidadania.

Sobre isso Wettstein (1997 p24), nos diz que:

Para que esse futuro chegue o mais rápido possível é preciso superar o bairrismo secular multiplicando o intercâmbio de informações, aprendendo a trabalhar em prol de uma causa comum, ultrapassando as fronteiras políticas.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Há bilhões de anos, superando crises físicas e químicas tão relevantes como a atual “crise” de produção social, a geografia tem hoje um papel fundamental na contribuição de novas soluções através da pesquisa, da discussão e da prática pedagógica e social. A partir de uma discussão que envolva o homem como protagonista das ações no espaço onde está inserido, tencionamos entender as complexas relações que estabelecemos com os semelhantes e com o ambiente natural.

O homem é um ser que constantemente toma decisões no decorrer da sua vida e tem capacidade de perceber que elas recaem tanto sobre ele mesmo como sobre os demais seres. Nesta percepção fundamentam-se suas incertezas e dificuldades para agir. Estas dificuldades intensificam-se, uma vez que suas decisões não são pautadas apenas no domínio cognitivo que possui sobre o mundo que o cerca, mas também refletem sua sensibilidade demonstrada através dos valores. Refletem os atos a partir do fruto de suas próprias experiências nascidas da percepção, quer estas sejam ou não oriundas de uma reflexão, percebendo-as indissolivelmente ligadas às conseqüências dos seus atos.

Planejar e implantar ações estratégicas e eficazes representa um desafio à percepção e à própria racionalidade humana, onde o homem é induzido a agir como ser individual e coletivo de forma harmônica com a natureza.

Essas iniciativas devem estar apoiadas principalmente através da geração de conhecimentos, metodologias e habilidades, numa perspectiva que aponte para a necessidade do aprimoramento do saber e tomada de posição crítica voltada para a construção da cidadania planetária.

Neste contexto, o conhecimento representa a ferramenta essencial para que o homem possa intervir na realidade. Ao rastrear a realidade o homem produz conhecimento, isto é, absorve o real com o abstrato elaborado e consolidado com projetos que, na maioria das

vezes, podem vir em benefício da humanidade. No entanto, essas ferramentas podem ser produzidas pela educação numa mediação entre teoria e prática revelando, de um lado, novos significados da teoria e criando novas estratégias para as práticas.

(...) relegado o desafio do conhecimento, facilmente reproduzem a ignorância, porque a ideologia, de si, não produz competência inovadora. É parte integrante de todo projeto global de mudança como motivação política necessária. O que inova entretanto, é o conhecimento. (DEMO, 1995, p.152-153)

Portanto, a construção do conhecimento numa visão integradora de teorias e práticas a partir do espaço da experiência se dá de forma espontânea e criativa dentro de um processo gradual e subjetivo. Isso implica educar para formar um pensamento crítico, criativo e prospectivo, capaz de analisar as complexas relações da realidade natural e social onde o homem é sujeito transformador desse processo.

Por outro lado, ao serem levados em consideração os aspectos tecnológicos que permitem ao homem interagir com o meio, a escola deve garantir a apropriação do conhecimento, formando um sujeito sob os princípios éticos com capacidade de observar, de refletir, de contextualizar, de tomar decisões, definindo os valores e motivações que conduzem os padrões de cidadania e sensibilização frente aos problemas socioambientais.

A percepção dos problemas socioambientais redefinem o comportamento humano. O tipo de sensorialidade implica nos valores que damos às coisas. Isto requer um trabalho em conjunto através de momentos de reflexão, de escolha, de planejamento, de engajamento com as questões socioambientais. Por outro lado, o desafio está em como incorporar ao processo educacional a percepção global do processo de aprendizagem em função de uma visão de mundo e do ser humano repleta de valores.

Nesse direcionamento cabe ressaltar, que a socialização entre o homem e a natureza privilegia a apropriação de normas, valores,

culturas e saberes relacionados com a formação do sujeito histórico, sobretudo os patrimônios do conhecimento.

Mas é o cotidiano a dimensão fundamental da vida. A existência, dá-se no espaço através de novas ações, onde o indivíduo age e rege; vê e “filtra” os acontecimentos que chegam até ele, é onde atua e é atingido por diversos aspectos das relações sociais em diferentes escalas. Por isso, a geografia se apóia no espaço vivido, ou seja, no espaço concreto e não no abstrato.

O “ situar-se no mundo” envolve todo um processo de valorização e de avaliação em relação ao qual as ações do homem adquirem significado. Nessa vivência ocorre uma interação do indivíduo com o seu meio, no sentido de que sua ação é influenciada pelos valores daqueles com os quais interage. Tal influência se faz sentir à medida que ele, enquanto Eu, pode se tornar sensível a certos valores.

Diante disso, Bicudo (1982 p. 22) argumenta:

Os valores interpretam todos os campos de realização das pessoas. Para os seres humanos, eles são manifestos nas suas ações. As ações do indivíduo se apresentam, então, por um lado, como realizadoras de valor, e, por outro, como explicitação do valor por ele apreendido. Esta apreensão é fruto das suas experiências de vida, as quais são vivenciadas, isto é, são experiências vividas e percebidas como significativas por aqueles que as realizam.

Ao vivenciarmos acontecimentos de conflitos provocados por questões políticas, ideológicas, religiosas ou por disputas de territórios, sejam eles ligados ao tráfico ou por divisas de fronteiras, fazem parte da geografia vivida assim como “a concebida nas ruas, a eleita nos bairros, a que se constrói sobre coisas concretas. Essas transformações percebidas através das relações entre os próprios homens e o meio onde estão inseridos, constituem o objeto de estudo da geografia.

Por isso, a viabilidade de “pensar conjuntamente”, é um dos grandes desafios das ciências atualmente, pois conjuga saberes, ações e acima de tudo subjetividades que são imprescindíveis na formação

do conhecimento e conscientização diante dos problemas.

A razão técnica e científica não é a razão no seu todo. Uma das conquistas da modernidade é o reconhecimento de que não só a nossa relação com a natureza deve ser regida de modo racional, mas também as relações entre os homens. Sabemos que o imaginário racionalista separou a relação homem-natureza – lugar da relação sujeito (homem) – objeto (natureza), da relação homem-homem (sujeito-sujeito) e, o pior, tornou-as equivalentes. Em outras palavras, deu à relação homem-homem o mesmo caráter atribuído à relação homem-natureza (sujeito-objeto), instrumentalizando, assim, as relações sociais. (Gonçalves 1993, p138).

Paralelo a esta análise, a capacidade de questionar de uma forma competente pode intervir na realidade, efetivando mudanças qualitativas. Pensar geograficamente não significa necessariamente produzir, mas sim reproduzir o discurso, na perspectiva da legitimação da consciência. Educar significa proporcionar acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento de uma consciência crítica, através da compreensão da função social do saber historicamente acumulado.

Porém, a marca distintiva de nossa aprendizagem não é o conhecimento que o aluno pode trazer consigo, mas a forma com que o professor oportuniza novas experiências a fim de que possam elaborar novos conceitos. Isso traduz em outras palavras que a construção do conhecimento se dá a partir das atividades concretas ou vivenciadas no dia-a-dia.

Diante disso, Pelizzoli argumenta que:

(...) é preciso tomar uma postura determinada no olhar histórico, e se a crise é profunda, e se a qualidade das relações faz absorver vários elementos viciados e estagnados, a crítica e a mudança tendem a sê-lo de igual profundidade, e já o estão sendo, queiramos ou não. Mas necessário é saber que nossos julgamentos são sempre olhares limitados e recortes de uma história ampla, e feitos sempre a partir do ponto de vista e do

momento da interpretação em uma dada situação. Isto não impede questionarmos seriamente o torpor ou entorpecimento que se sobrepõe aos egos na atual sociedade de consumo e sua divisão social do trabalho. (PELIZZOOLI, 1999, p. 47)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste contexto, o ser humano reproduz espaço configurando-o materialmente através do planejamento: suas práticas não só anunciam ou reproduzem o discurso ao redor do espaço, mas concretizam-no objetivando-o no plano, delimitações, ações, justificando limites. Assim, podemos afirmar que a geografia induz a preparação de todos para uma análise lúcida, baseada em dados e informações, e para a tomada de decisões, baseada em princípios e valores claros e conscientes. Esta preparação só pode ser conseguida por meio de um processo educativo baseado em objetivos claros e bem fundamentados e em processos metodologicamente eficazes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Demo, Pedro. **Cidadania tutelada e cidadania assistida**. Campinas: Autores associados, 1995.

Bicudo, Maria Aparecida. **Fundamentos Éticos da educação**. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1982.

Wettstein, German. **Subdesenvolvimento e Geografia**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.-(Caminhos da Geografia).

Gonçalves, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1993.

Pelizzoli, M.L. A emergência do paradigma ecológico.: reflexões ético-filosóficas para o século XX. Petrópolis, RJ:Vozes,1999.